

Rider Técnico e Plano Expositivo

Prêmio Acadêmico FIK 2025 – Arte e processos colaborativos - Obra

Matéria de encontro: escultura colaborativa em argila

Maria Carolina Rocha de Souza

1. RIDER TÉCNICO (Materiais e espaços necessários)

1.1 Apresentação público-participativa

Ativação da residência Fik itinerante (FIK Itinerante)

- Massa autofraguante para escultura, aproximadamente 60kg de massa, (10 kg de cimento, 10 kg de areia lavada, 30 kg de argila e água).
- Plástico/papel kraft para cobrir a mesa
- Baldes para molhar a peça e lavar as mãos(3unid.)
- Panos ou papel para secar as mãos
- Sala ou área com mesa e cadeiras.

1.2 Materiais para produção da escultura:

Residência artística para construção da escultura (FIK 2025 – nov)

Dia 1 – Modelagem coletiva

- Argila (250 kg);
- Cimento (45 kg);
- Areia lavada fina (50 kg);
- Baldes (mín. 4 unidades);
- Pá, colher de pedreiro ou misturador manual;
- Lona ou plástico para forrar solo para preparação da argila(mín. 4m²);
- EPIs: luvas de borracha, máscaras de poeira/PFF2 (mín. 10 de cada);
- Cartazes com linguagem simples explicando o processo;
- Caderno de anotações coletivas;
- Tenda (estrutura para proteção durante a execução da escultura);
- Plástico para cobrir a escultura controlando a secagem;

Dia 2 – Continuação da modelagem.

- Ferramentas manuais: estecas, espátulas, goivas, facas sem ponta;
- Baldes com água e panos para as mãos e a massa;

Dia 3 – Acabamento e mediação final

- Esponjas e espátulas para alisamento

OBSERVAÇÃO:

A escultura criada na residência aberta no FIK 2025, terá dimensões de até 1,5m por 1,5m por 1,5m , sem necessidade de fixação ao solo. A escultura da ativação no FIK Itinerante terá até 70 cm por 70 cm por 70 cm.

2. PLANO EXPOSITIVO DA PROPOSTA

2.1 PERCURSO PROCESSUAL DA OBRA/

PLANEJAMENTO PEDAGÓGICO

O projeto propõe um processo artístico-pedagógico centrado na convivência, na escuta e no fazer compartilhado que resulta em escultura coletiva, sendo o vestígio material de um percurso, pensado como um material vivo que incorpora os rastros do fazer. Esse percurso é ativado por práticas de experimentação sensorial, narrativas sobre o espaço, conversas e ações colaborativas, e se organiza em dois momentos:

1. a **apresentação público-participativa** que antecede a escultura;
2. e a **residência artística aberta** que dará forma à escultura.

2.1.1 Objetivos

- Estimular os processos colaborativos em artes a partir da matéria e do espaço.
- Promover experiências sensoriais e reflexivas como forma de mediação artística, articulando pensamento crítico e prática material.
- Ativar o espaço do campus como território de troca, criação e partilha.

2.1.2 Metodologia

O projeto valoriza prioritariamente o processo colaborativo como núcleo metodológico, entendendo o ato de construir junto como forma de pensamento e elaboração crítica; e o fazer com as mãos, o corpo e a matéria como conhecimento sensível. A coletividade é a poética que permite à escultura surgir como rastro físico de um processo imaterial: a convivência. De forma integrada, o registro sistemático (fotos, vídeos, anotações e livro de presença) assegura a memória do percurso e sua documentação crítica.

2.1.3 Momentos - ativações - práticas

Apresentação público-participativa (pré - *FIK 2025*):

→ FIK Itinerante (julho/agosto de 2025)

Atividade:

Ativação da residência no Fik itinerante

Sinopse

Atividade de um dia que transforma um espaço do FIK Itinerante em um ateliê temporário para a criação coletiva de uma escultura em argila. Convida o público a participar de todas as etapas, do preparo da massa à modelagem e ao acabamento, em uma prática colaborativa e sensorial. A obra, com

dimensões aproximadas de até 70 × 70 × 70 cm, será finalizada no mesmo dia e poderá ser instalada de forma não permanente em um espaço da universidade como vestígio do encontro e das trocas realizadas.

Descrição

A ativação acontecerá em um local acessível, preparado como ateliê aberto com lona ou mesa para manuseio da massa, recipientes com água e ferramentas manuais básicas.

A atividade inicia com uma conversa sobre a proposta e o espaço, abordando ideias de topografia, escala e usos poéticos. Em seguida, os participantes colaboram no preparo e na modelagem da massa de argila (com ou sem aditivos), criando juntos uma forma única com gestos e texturas variadas.

A escultura será finalizada no mesmo dia, com dimensões de até 70 × 70 × 70 cm, podendo ser instalada provisoriamente na universidade como vestígio do processo. A intervenção será registrada em foto e vídeo como memória viva do encontro coletivo.

Objetivos específicos:

- Ativar um espaço não habitual como ateliê coletivo temporário.
- Estimular o gesto, a escuta e o pensamento crítico em torno da prática escultórica compartilhada.
- Criar uma experiência sensorial e colaborativa com argila, promovendo pertencimento e diálogo.
- Produzir uma obra não permanente como vestígio material do processo, capaz de circular ou ser reinscrita em novos contextos.



Vista aérea do Campus I da UDESC.

Mapa Ceart



Mapa conceitual do Ceart.
Disponível em :
<https://www.udesc.br/ceart/mapas>

→ *FIK 2025*, Campus I da UDESC, novembro de 2025:

Atividade:

Residência artística aberta para construção coletiva da escultura

Sinopse

Durante três dias do *FIK 2025* no Campus I da UDESC, esta residência artística transforma um espaço externo em ateliê aberto para a criação colaborativa de uma escultura em argila. A proposta convida o público a participar de todas as etapas, da modelagem inicial a um encontro com formas, texturas, ritmos, gestos, e o acabamento final, explorando a argila e os procedimentos escultóricos como matéria sensível e coletiva. A experiência reforça a arte como espaço de encontro, escuta e criação viva, sendo o objeto final um resíduo do processo artístico.

Descrição

Durante três dias no *FIK 2025* (Campus I da UDESC), a equipe ocupará uma área externa coberta como ateliê aberto (mínimo de 4h por dia), promovendo a criação coletiva de uma escultura em argila, em massa autofraguante (argila + areia + cimento). A obra terá dimensões de até 1,5 m × 1,5 m x 1,5m, podendo ser construída em segmentos ou módulos para facilitar transporte ou adaptação, sem necessidade de fixação no solo. A permanência no local dependerá da aprovação institucional e das condições técnicas ao final do processo.

Não sendo possível estabelecer qual será o resultado, formas e tamanhos finais, pois será uma prática que depende do outro, tendo em vista o foco no processo.

Cada dia da residência será atravessado por práticas diferentes, mas todas abertas à participação espontânea do público e com presença ativa dos membros da equipe, que atuarão como artistas, mediadores e facilitadores da criação conjunta.

Dia 1 – Modelagem coletiva e base da forma

Preparo da massa (argila e aditivos), acolhimento do público e início da construção da forma-base da escultura. Conversas sobre o gesto como linguagem e o corpo como instrumento escultor.

Dia 2 – Continuação da modelagem

Com a forma primal já previamente estabelecida, e com a massa em um ponto um mais seco, será o momento de adicionar detalhes, texturas no trabalho.

Dia 3 – Acabamento, ativação simbólica e mediação final

Finalização da escultura, estabilização de superfícies e conversa aberta sobre o que foi vivido. Registro de vozes, rastros e ideias que atravessaram o processo. A escultura é o testemunho material da experiência.

2.2 PLANO DE ACESSIBILIDADE E INCLUSÃO

Este projeto assume a acessibilidade como prática integrada ao processo artístico. Com base nos princípios da acessibilidade cultural serão adotadas as seguintes ações:

Acessibilidade física

- Escolha de local plano e com ampla circulação.
- Sinalização visual com cartazes legíveis.
- Se disponível/necessário, uso de lona para nivelar solo em áreas de grama, facilitando a mobilidade.

Acessibilidade comunicacional e sensorial

- Mediação com linguagem simples, direta e descritiva.
- Materiais impressos com fonte ampliada e alto contraste.

Acessibilidade relacional

- Participação aberta, sem pré-requisitos técnicos.
- Mediação adaptável a diferentes ritmos e formas de envolvimento.
- Equipe com integrante responsável pela escuta ativa e apoio durante todos os dias da residência e na ativação da residência no Fik itinerante.

2.3 CRONOGRAMA DE TRABALHO

DATA/MÊS	ATIVIDADE
Julho à Outubro/2025	Apresentação participativa (Ativação da residência no FIK itinerante) no FIK Itinerante (data e local a definir)
Setembro/2025	Organização de materiais e planejamento da equipe.
20 de novembro de 2025	Residência artística aberta – Dia 1: preparo da massa e modelagem coletiva da base
21 de novembro de 2025	Residência artística aberta – Dia 2: escavação dos vazios com o público
22 de novembro de 2025	Residência artística aberta – Dia 3: acabamento, conversa e mediação final
Novembro/dezembro de 2025	Entrega do relatório final, descrição, avaliação e documentação do processo.(Data a definir pela COA).

2.4 JUSTIFICATIVA/ CONCEITUALIZAÇÃO

Este projeto propõe um processo artístico colaborativo centrado na escuta, no gesto e na convivência, resultando na construção coletiva de uma escultura durante o *FIK 2025* no Campus I da UDESC. Mais do que a produção de um objeto acabado, busca-se ativar o espaço público como lugar de encontro, prática sensível e criação partilhada.

A proposta valoriza prioritariamente o processo colaborativo como núcleo metodológico e conceitual. Inspirada em Jorge Larrosa Bondía (2002), entende-se aqui a criação artística como experiência, não apenas no sentido de ação técnica ou transmissão de informação, mas um acontecimento transformador que exige escuta, abertura e elaboração de sentido. Aqui o processo é entendido como espaço de formação crítica e sensível, onde o público é convidado não só a aprender uma técnica, mas a ser afetado, refletir e construir junto o espaço de encontro. Essa perspectiva recusa a redução da arte a instrução ou produto.

Em consonância com Luiz Sérgio de Oliveira (2015) sobre o deslocamento do objeto artístico como centro exclusivo da arte, o projeto propõe valorizar o processo, o encontro e o acontecimento coletivo como dimensões estéticas fundamentais. Mais do que produzir um objeto acabado como fetiche ou mercadoria, busca-se criar um campo relacional onde gesto, escuta e convivência gerem sentido. Assim, a escultura torna-se um vestígio vivo desse percurso partilhado, evidenciando a arte como espaço de experiência e não apenas como produto.

A partir das ideias de José Luiz Kinceler sobre arte pública e práticas colaborativas, o projeto entende o processo criativo como prática pedagógica relacional. Trata-se de produzir um dispositivo que articula diferentes saberes e desejos em um espaço comum. Movido pela ideia de transformar o espaço público em plataforma de encontro e partilha (KINCELER, 2008), propõe-se uma escultura que seja menos um objeto fixo e mais um testemunho sensível de um percurso colaborativo, aberto a intervenções, deslocamentos e apropriações coletivas. Ao reconhecer a descontinuidade e o encantamento como potências do processo (KINCELER, 2011), o trabalho convida o público a assumir o papel de coautor, construindo não apenas uma forma, mas também modos de conviver, imaginar e habitar juntos o espaço.

Antes da residência, uma ativação no *FIK Itinerante* propõe uma experimentação sensorial com argila e o mapeamento afetivo do espaço, estimulando reflexões sobre gesto, território e criação comum. Essa etapa inicial cria vínculos com a comunidade e prepara o terreno para a escultura como rastro material de um processo coletivo de convivência.

A equipe responsável pelo projeto é composta por estudantes da UDESC, com experiências em cerâmica, mediação cultural, educação e produção artística coletiva. A presença de diferentes olhares e formações garante uma atuação interdisciplinar e sensível às múltiplas dimensões do processo.

A escolha do material (massa autofraguante) se dá pela facilidade de manuseio e modelagem, sem a necessidade de queima, tal qual a argila para se tornar cerâmica, ou seja, a massa endurece (fragua), por si só, permitindo também na finalização do trabalho ser texturizada e colorida. Segundo Chiti (2004) as proporções de cada material, argila, areia e cimento são flexíveis dependendo da ideia e dinâmica de produção, ao precisar de mais plasticidade ou resistência, ou necessitar de um tempo de secagem maior ou menor.

Ao integrar práticas colaborativas e a materialidade escultórica - material acessível e carregado de significado cultural - o projeto busca compor a proposta do *FIK 2025*, integrando arte, educação e comunidade. Alinhado à missão da universidade de unir ensino, pesquisa e extensão, ao transformar um processo artístico em espaço de convivência e aprendizado compartilhado. Mais do que entregar um objeto, propõe-se criar um rastro vivo de convivência; um testemunho coletivo construído com muitas mãos que transformam o barro em gesto, escuta e lugar.



Imagens da **3ª Bienal Latinoamericana de Cerâmica Condorhuasi** em Florianópolis, no Centro Integrado de Cultura - CIC. (CHITI, 2004, p.52-53)

A imagem á direita baixo traz um exemplo de escultura em massa autofraguante.

2.5 ORÇAMENTO

Categoria	Item	Valor estimado (R\$)
Materiais de produção	Argila (280 kg), cimento (55 kg), areia fina (60 kg)	1.386,00
	Baldes, ferramentas manuais, EPIs, Arame para estrutura interna leve (se necessário), Lona para misturar os materiais	354,00
	Rolo de papel kraft ou plástico para proteger mesa na Ativação da residência no FIK itinerante (se necessário)	100,00
Acessibilidade e inclusão	Materiais gráficos para acessibilidade (impressão ampliada, sinalização)	100,00
Registro e documentação	Caderno/livro de presença	60,00
Equipe	Maria Carolina Rocha de Souza (proponente e coordenação geral)	2.500,00
	Murilo Brogim Leal (execução artística e orientação técnica)	2.500,00
	Laura Folletto Dornelles (apoio produção artística, registro das ações)	2.500,00
	Helena da Silva Santos (núcleo pedagógico , mediação educativa e apoio às ações de acessibilidade)	2.500,00

2.6 REFERÊNCIAS:

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Revista Brasileira de Educação, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt> . Acesso em: 6 jun. 2025.

CHITI, Jorge Fernandez. **Curso de escultura y mural cerámicos**: tomo 1. Buenos Aires: Condorhuasi, 2004.

OLIVEIRA, Luiz Sérgio de. O lugar da arte e o desprestígio do objeto artístico. 2015. Disponível em: https://www.academia.edu/23495111/_2015_O_lugar_da_arte_e_o_desprest%C3%ADgio_do_objeto_art%C3%ADstico_Cap%C3%ADtulo_de_livro_ . Acesso em: 6 jun. 2025.

KINCELER, José Luiz. Horta Vertical-Saber: Uma plataforma de desejos compartilhados em arte pública. 2011. Disponível em : https://www.anpap.org.br/anais/2011/pdf/cpa/jose_luiz_kinceler.pdf . Acesso em: 6 jun. 2025.

KINCELER, José Luiz. As noções de descontinuidade, empoderamento e encantamento no processo criativo de “Vinho Saber” - Arte relacional em sua forma complexa” 2008. Disponível em : <https://anpap.org.br/anais/2008/artigos/162.pdf> . Acesso em: 6 jun. 2025.

GEODÉSICA; TIRELLI, Gustavo; DAMÉ, Paulo. *Conversa com artistas – Projeto Integrado DAV/CEART/UDESC*, 2021. Disponível em: <https://youtu.be/DKBOeCk4fG8?si=JvF8R0nx6lfRiBbe>, Acesso em: 6 jun. 2025.

LEAL, Murilo. *Não há mais palavra*. Exposição individual. Fundação Cultural BADESC, Florianópolis, 2024. Disponível em: <https://fundacaoculturalbadesc.com/blog/exposicao/nao-ha-mais-palavra-e-a-1a-exposicao-individual-do-artista-murilo-leal/>. Acesso em: 6 jun. 2025.